FAQ — Mpox

O que é a mpox?

A mpox é uma doença infecciosa causada pelo vírus mpox (MPXV), do gênero Orthopoxvirus e da família Poxviridae, a mesma do vírus que causava a varíola humana. É uma doença zoonótica viral: a transmissão para humanos ocorre pelo contato com pessoa infectada ou com materiais contaminados pelo vírus.

Pode provocar lesões na pele e nas mucosas, febre e ínguas. A maioria dos casos é leve ou moderada, mas existem formas graves.

Por que a doença mudou de nome?

Mpox é o nome oficial da doença antes conhecida como monkeypox e popularmente chamada de “varíola dos macacos”. Em novembro de 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou o termo mpox para evitar associações discriminatórias e estigmatizantes. Mpox não é uma sigla, mas uma forma abreviada de monkeypox.

A mudança foi apenas de nomenclatura: não alterou as características da doença, suas formas de transmissão, o diagnóstico ou o tratamento. Hoje, mpox é o nome recomendado para a doença, e monkeypox virus (MPXV) continua sendo o nome do vírus.

A mpox é transmitida por macacos?

Não. O nome original surgiu porque o vírus foi identificado pela primeira vez, em 1958, em macacos mantidos para pesquisa. Os primatas não humanos não são os responsáveis pela transmissão aos humanos. O reservatório natural do vírus ainda não foi definitivamente identificado; os principais candidatos são pequenos mamíferos, especialmente roedores (como esquilos) das florestas tropicais da África Central e Ocidental.

Qual a diferença entre a mpox e a varíola humana?

A varíola humana é causada por outro vírus, o Variola virus, e foi declarada erradicada pela OMS em 1980. Sua letalidade também é maior, cerca de 30%. No caso da mpox, a letalidade em áreas endêmicas varia de 0 a 11%; em países não endêmicos, como o Brasil, é de 0,022%.

Qual a diferença entre a mpox e a catapora?

São causadas por vírus diferentes e ambas podem produzir lesões na pele. A mpox frequentemente provoca ínguas e pode atingir genitais e ânus. Por terem manifestações parecidas, o diagnóstico exige avaliação profissional e, quando indicado, exame laboratorial.

A mpox é uma doença nova no Brasil?

A mpox não é uma doença nova no Brasil. O primeiro caso foi registrado em 2022, ano em que o país enfrentou um surto da doença. Desde então, o SUS mantém uma rede de diagnóstico, tratamento e monitoramento de casos em todo o território nacional, além de realizar a vacinação dos grupos recomendados.

Qual é a situação atual da mpox no país?

Em 2026, até 6 de novembro, o Brasil confirmou 832 casos de mpox e registrou um óbito. Esses números são, respectivamente, 92,1% e 92,9% inferiores aos registrados em 2022, quando o país contabilizou 10,5 mil casos e 14 mortes.

Em comparação com 2025, quando foram registrados cerca de mil casos, dois óbitos e 58 internações, o cenário de 2026 também indica redução de 16,8% nos casos e de 6,9% nas internações.

A notificação dos casos é obrigatória no Brasil?

Sim. Casos suspeitos devem ser notificados pelos serviços de saúde em até 24 horas, conforme orientação do Ministério da Saúde.

A mpox ainda é uma emergência internacional?

Não. A OMS encerrou a classificação de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional em 5 de setembro de 2025. A doença continua sob vigilância.

Como a mpox é transmitida?

Principalmente por contato físico próximo e direto de pessoa a pessoa com lesões, pele, secreções e fluidos corporais (como pus e sangue das lesões) de quem está infectado, inclusive durante relações sexuais. Lesões na boca também podem ser infectantes, o que significa que o vírus pode passar pela saliva. Outras formas de transmissão:

- Objetos recentemente contaminados, como roupas, toalhas, roupas de cama, utensílios e pratos;
- Partículas e gotículas respiratórias, em contato próximo e prolongado com a pessoa doente;
- Contato com animais infectados

A mpox é transmitida pelo ar como a Covid-19?

Não predominantemente. A principal via é o contato próximo, especialmente pele a pele. A inalação de partículas respiratórias infecciosas em proximidade também pode ocorrer, mas a transmissão a longa distância não é a via principal conhecida.

A mpox é uma infecção sexualmente transmissível (IST)?

Não. A mpox não é uma IST. A transmissão pode ocorrer durante a relação sexual, mas não exclusivamente: também acontece pelo contato pele a pele em outras situações e por objetos contaminados.

Posso pegar mpox por meio de relação sexual?

Sim. O vírus pode ser transmitido pelo contato físico próximo, incluindo o contato íntimo em qualquer ato sexual. Ainda não se sabe se ele pode ser transmitido por vias tipicamente sexuais, como sêmen ou fluidos vaginais, mas o contato direto da pele com as lesões durante a atividade sexual transmite o vírus.

As lesões às vezes aparecem nos genitais e na boca, o que provavelmente contribui para a transmissão no contato sexual. Elas podem se parecer com as de outras doenças, como herpes e sífilis.

A camisinha protege contra a mpox?

Não completamente. Embora o preservativo seja uma proteção importante para reduzir o risco de outras infecções, a mpox também pode ser transmitida pelo contato com áreas da pele não cobertas por ele.

Beijo ou abraço transmitem a mpox?

Podem transmitir quando há contato próximo com lesões, pele ou secreções infectadas. O risco depende da exposição concreta.

Animais de estimação podem pegar ou transmitir mpox?

Ainda não há evidências de que pessoas com mpox transmitam o vírus a animais, mas essa possibilidade não está descartada. Por isso, quem está infectado deve evitar o contato direto com animais domésticos, de estimação ou selvagens.

Eventos com aglomeração facilitam a transmissão?

Sim. Como a doença é transmitida de pessoa a pessoa, aglomerações favorecem a proximidade e o contato pele a pele, e por isso devem ser evitadas por quem tem suspeita ou confirmação da doença e por seus contatos.

Quem já teve mpox pode ter novamente?

Sim. Reinfecções são possíveis, embora a proteção imunológica após a doença ainda esteja em estudo.

Quais são os principais sintomas?

- lesões ou erupções na pele e nas mucosas;
- ínguas (aumento dos linfonodos);
- febre;
- dor de cabeça e dores musculares;
- calafrios;
- fraqueza e cansaço.

Nem todas as pessoas têm todos os sintomas. Algumas têm poucas lesões, inclusive na boca, na região genital ou anal, e podem não ter febre.

Quanto tempo depois do contato os sintomas aparecem?

O período de incubação costuma ser de 3 a 16 dias e pode chegar a 21 dias.

Como são as lesões?

Podem ser manchas planas ou levemente elevadas, bolhas ou pústulas com líquido claro ou amarelado, que evoluem para crostas, secam e caem. Podem causar dor ou coceira. O número varia de poucas a milhares de lesões.

As erupções costumam começar de um a três dias após o início da febre, mas às vezes aparecem antes dela. Tendem a se concentrar no rosto, nas palmas das mãos e nas plantas dos pés, mas podem surgir em qualquer parte do corpo, inclusive na boca, nos olhos, nos genitais e no ânus.

Quanto tempo dura a doença?

Geralmente de duas a quatro semanas, podendo durar mais em pessoas imunocomprometidas.

A mpox pode matar?

Muito raramente. Na maioria dos casos, os sintomas desaparecem em algumas semanas, mas podem ocorrer complicações graves e até óbitos. O risco depende do estado de saúde da pessoa, da variante do vírus e do acesso à assistência médica.

O risco de desenvolver formas graves da mpox é maior, especialmente, entre pessoas com HIV avançado ou não controlado e pessoas com o sistema imunológico comprometido. No entanto, viver com HIV não significa, por si só, que a doença será grave.

Existe tratamento para a mpox?

Sim, principalmente de suporte: alívio da dor, hidratação, cuidados com a pele e higiene das lesões, e prevenção e tratamento de complicações e sequelas. Não há medicamento específico para a Mpox.

O que fazer se eu suspeitar que estou com mpox?

Procure uma unidade de saúde, especialmente se tiver lesões na pele com febre ou ínguas, ou se teve contato com um caso suspeito ou confirmado, e informe esse contato. Enquanto isso, evite contato próximo com outras pessoas, não compartilhe objetos, higienize as mãos com frequência e não esprema nem manipule as lesões. Siga as orientações sobre coleta de exame e isolamento.

A pessoa com mpox precisa ficar isolada?

Sim. Pessoas com suspeita ou confirmação da doença devem seguir as orientações do serviço de saúde, cumprir o isolamento e evitar contato próximo até o fim do período de transmissão.

Como me proteger no dia a dia?

- evite contato com pessoas com suspeita ou confirmação da doença;
- não toque em lesões, crostas, roupas, toalhas ou lençóis de quem está doente;
- não compartilhe objetos de uso pessoal;
- lave as mãos com frequência, com água e sabão ou álcool em gel;
- procure atendimento ao apresentar sintomas e siga as orientações de isolamento;
- vacine-se, se estiver entre os públicos recomendados pelo Ministério da Saúde

Que cuidados ter em casa com uma pessoa doente?

Quem tem suspeita ou confirmação da doença não deve compartilhar toalhas, roupas, lençóis, escovas de dente e talheres até o fim do período de transmissão. Quando o contato for necessário (cuidadores, profissionais de saúde, familiares e parceiros), recomenda-se usar luvas, máscara, avental e óculos de proteção.

Lave as mãos após tocar na pessoa, em suas roupas, lençóis, toalhas, utensílios ou em superfícies que possam ter tido contato com as lesões ou com secreções respiratórias. Lave roupas de cama, roupas, toalhas e talheres com água morna e detergente, limpe e desinfete as superfícies contaminadas e descarte adequadamente os resíduos, como curativos.

Existe vacina contra a mpox?

Sim. A vacina tem como principal objetivo reduzir o risco de desenvolvimento de formas graves da doença. Seguindo as recomendações da OMS, o Brasil não realiza vacinação em massa contra a mpox. A vacinação é direcionada a grupos específicos, considerando o maior risco de agravamento da doença.

Quem deve se vacinar no Brasil?

O público-alvo recomendado para a vacinação são pessoas vivendo com HIV/aids (PVHA), a partir dos 18 anos, com contagem de linfócitos T-CD4 inferior a 100 células/mm³; pessoas com contagem de CD4 inferior a 200 células/mm³; usuários de profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP); profissionais de laboratório que manipulam amostras de mpox; e pessoas vivendo com HIV/aids, independentemente da contagem de CD4. O CD4 é um tipo de célula de defesa do organismo que é atacada e destruída pelo HIV.

Pessoas que tiveram contato de médio ou alto risco com casos suspeitos ou confirmados de mpox também podem ser vacinadas, após avaliação da vigilância em saúde.

A vacina pode ser aplicada após contato com um caso?

Sim. A vacinação deve ser realizada preferencialmente em até 4 dias após a exposição, podendo ser considerada até 14 dias, na ausência de sinais ou sintomas da doença, com o objetivo de reduzir sua gravidade.

Qual é o esquema de vacinação?

Duas doses, com intervalo de 28 dias, para maiores de 18 anos.

Onde me vacinar?

A vacinação não ocorre nas Unidades Básicas de Saúde (UBS). O público recomendado deve procurar o serviço de referência onde já realiza acompanhamento para realizar o cadastro e agendar a vacinação, conforme a Nota Técnica Conjunta nº 3/2025-DATHI/DPNI/CGLAB/SVSA/MS.

Pessoas que tiveram contato de risco com casos de mpox devem procurar um serviço de saúde o mais breve possível para avaliação da indicação de vacinação pós-exposição.

Qual é a disponibilidade da vacina no mundo e por que ela é limitada?

Atualmente, há escassez da vacina no mercado mundial, já que ela é produzida por um único laboratório, localizado na Dinamarca e pré-qualificado pela OMS, cuja capacidade de produção é limitada. Além disso, o imunizante exige cuidados específicos de logística, armazenamento e manejo por parte das secretarias estaduais e municipais de saúde. A vacina precisa ser mantida congelada a –20 °C e, após o descongelamento, as doses devem ser aplicadas em até quatro semanas.

O que o Ministério da Saúde está fazendo para ampliar as doses?

O Ministério da Saúde garantiu a aquisição de 25 mil doses da vacina contra a mpox, após negociações com o laboratório dinamarquês fabricante do imunizante para vender a quantidade máxima de doses ao Brasil. Por meio do Fundo Rotatório da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a pasta conseguiu ampliar em 5 mil doses a oferta inicial de 20 mil. As novas doses reforçarão o estoque estratégico nacional.

O Ministério também emitiu uma nota técnica que orienta estados e municípios a adotarem a aplicação intradérmica da vacina. A estratégia, já utilizada na Europa, permite ampliar em até cinco vezes o número de pessoas vacinadas com uma dose do imunizante, em grupos específicos.